

01

Os Compositores

28/11/99

Interrompemos hoje o nosso itinerário beethoveniano para lembrar o sesquicentenário da morte de Fryderick Chopin, morte que se deu em 1849, aos 39 anos da vida dele.

Chopin pertence àquela maravilhosa safra de gênios românticos que nascem entre 1810 e 1813: Schubert, Liszt, Mendelssohn, Wagner, Verdi entre outros. Se Schubert, de uma geração mais velha pode ser definido o aspecto convivia, do romantismo, Schumann a ânsia romântica do infinito, Mendelssohn



02

a sua elegância e Liszt, o seu apostolado, Chopin pode ser definido a perfeição do romantismo.

De fato, se é verdade que ele cantou só a si mesmo e os aspectos mais quiméricos e fantásticos dos seus panoramas de alma, é também verdade que tudo isto conflui numa total perfeição estilística. De fato, todos os novos gêneros românticos que ele trata na música de teclado são submetidos a um perfeito rigor formal. Para expressar aquela espécie de diário que é a sua música, Chopin escapa às formas clássicas que o haviam precedido, com a única exceção das sonatas que não representam o melhor da sua produção. Por isso, mesmo

dentro da perfeição formal a sua música não deixa de ter nas infra-estruturas um caráter de improvisação, como de quem caminhe ao longo de um rio, parando de vez em quando e por um curto instante para colher uma flor: para colher, no caso dele, uma preciosidade ornamental ou o perfume sutil de um jogo harmônico. Assim alcança ele a perfeição na capacidade de transformar sonhos, paixões delicadas ou mórbidas, nostalgias e orgulhos patrióticos em fantasmas artísticos. Essa capacidade de transformar tudo em poesia pode aproximá-lo do poeta italiano leopardi, juntamente com algo

encimantemente mórbido que também Schumann nele enxergava.

Chopin porém não é pessimista com Leopardi; aliás ele aceita o mundo e até a sedução aristocrática dos salões parisienses dos quais, como nas valsas, descobre humanidade.

Poesia da adolescência foi definida por alguns a música de Chopin, mas de uma adolescência que se abre a virilidade da paixão nacional principalmente em sua última fase, na qual, como observa Schumann desaparece aquela inicial fisionomia sarmática, isto é de etnia polonesa, para dar lugar a um cosmopolitismo de aristocrática dignidade.

Aquela aparência de improvisação da qual há pouco falamos faz com que a música de Chopin pareça brotar espontaneamente, quase sem um percurso pré-determinado; mas atenção/ Chopin conhece muito bem Bach e Mozart e os estuda profundamente longo de toda a existência. Só ao piano Chopin poderia confiar aquela espécie de diário que são as suas imagens musicais. E do piano dominou tão bem a técnica que dedicou a esse instrumento os 24 maravilhosos estudos nos quais partindo da intenção de ajudar os pianistas a resolver diferentes problemas

técnicos, alcança incomparáveis níveis artísticos .

Fora do piano ele só compôs uma sonata para violoncelo, um trio e um ciclo de canções polonesas; a isto acrescentam os dois concertos, nos quais a orquestra é tratada quase ingenuamente enquanto o instrumento solista canta admiravelmente.

Parece não haver em Chopin processo evolutivo, apresentado a sua música sempre a mesma requintada fisionomia. Mas pelo menos os últimos noturnos deixam entrever o que poderia ser uma mudança de rota, se a morte não ceifasse rumo a uma nova procura de contraponto e de melodias mais

próximas da severidade do romantismo alemão que imperava.

São justamente os noturnos

entre os gêneros que mais emergem na música de Chopin. O gênero do noturno havia sido introduzido nas primeiras décadas do século pelo pianista inglês John Field; com Chopin porém ele alcança uma total definição artística. Não é mais a música noturna de entretenimento como havia aparecido no instrumentalizo de Mozart: é agora uma espécie de sonho proporcionado pela noite, pela sua intimidade e pelo sorriso encantado do luar.

08

Vamos ouvir o Noturno em Mi Menor opus 9, de Chopin, na interpretação de Artur Rubinstein.

Música (4:23”)

Disco: 01 Faixa: 02

Outro Noturno opus 37, de grande beleza melódica, ainda na interpretação de Artur Rubinstein.

Música (6:11”)

Disco: 01 Faixa: 10

As valsas de Chopin são uma espécie de estilização da valsa francesa que dominava nos salões parisienses e que Chopin neles executava com extraordinário sucesso. Elas respeitam estritamente a forma dessa dança, distinguindo-

se da valsa austríaca pela ausência das suspensões rítmicas e pela exuberância da virtuosidade.

Vamos ouvir a Valsa em Dó Sustenido do opus 64 n. 02 na interpretação do pianista Artur Rubinstein.

Música (3:40”)

Disco: 01 Faixa: 04

Nas Mazurkas aparece claramente a fisionomia sarmática de Chopin. Elas representam momentos de nostalgia da pátria longínqua e inolvidável, inspirando-se inclusive em elementos do folclore nacional e empregando modos, isto é, escalas típicas da

Polônia. É por estas mazurkas que é possível dizer que com Chopin nasce o nacionalismo étnico musical de inspiração popular. Flores de campo, definia Schumann essas preciosas páginas.

Vamos ouvir então a Mazurka em Si Menor opus 7 na interpretação de Artur Rubinstein.

Música (2:36”)

Disco: 01 Faixa: 09

As polonaises são danças tradicionais, que alcançam um clima heróico principalmente no trio, representando quase o cortejo dos aristocratas na época heróica da Polônia. Nestas mostra-se a paixão nacional de Chopin, o qual, ao que

11

parece comungava com os exilados poloneses até em reuniões de conspiração. E são principalmente as polonaises que sugerem a Schumann a idéia de serem as músicas de Chopin canhões sepultados entre flores. O título de Polonaise Fantasia sugere uma maior liberdade formal com relação a dança originária principalmente na longa e quase pensativa introdução, que soa como um sopro de nostalgia.

Vamos ouvir então a Polonaise Fantasia opus 61 na interpretação de Cláudio Arrau.

Música (12:54”)

Disco: 02 Faixa: 05

A balada é outro gênero romântico, de conteúdo lendário e evocativo. Chopin escreveu quatro baladas, inspiradas em outros tantos poemas do polonês Adam Mikievicz ; mas o seu conteúdo não é programático, vivendo em sua própria autonomia sonora, sendo a inspiração poética apenas o ponto de partida para uma complexa imagem e forma musical.

Música (9:17”)

Balada em Sol Menor opus 23

Disco: 01 Faixa: 14

Terminamos esta homenagem ao sesquicentenário da morte de Chopin com a Polonaise Heróica opus ~~64~~₅₃, uma obra que mostra a

virilidade chopeniana e a força do seu nacionalismo. Chopin é as vezes taxado de sensibilidade feminina, o que é absurdo. Na verdade, só os fortes podem se permitir a sensibilidade das emoções e o desafogo do pranto. Toca ainda Artur Rubinstein.

Música (7:05”)

Disco: 01 Faixa: 06